

O MARTE LUSITANO,  
OU  
CANCAO HEROICA  
PANEGYRICA,  
AO SERENISSIMO SENHOR  
D. MANOEL

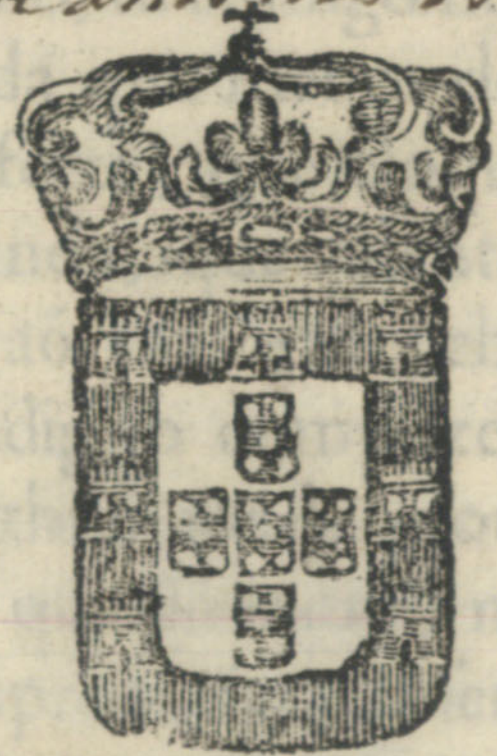
INFANTE DE PORTUGAL.

Que em applauso de seu incomparavel valor, & heroicas proesas  
*Escreve, & offerece*

AO MESMO SENHOR

LUIS ANTONIO CARDOZO DA GAMA.

*alijado do Padre Antonio de S. Luiz da Igreja  
capellão de S. Antonio*



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de JOSEPH LOPES FERREYRA, Im-  
pressor da Serenissima Rainha nossa Senhora.

M. DCC. XVII.

*Com todas as licenças necessarias.*

O MARTE LUSITANO,

OU

CANÇÃO HERÓICA

PANEGYRICA,

AO SERENÍSSIMO SENHOR

D. MANOEL

INFANTE DE PORTUGAL.

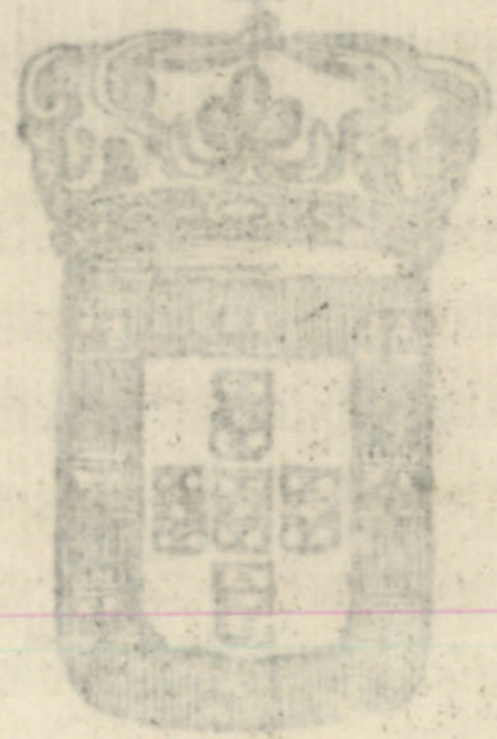
Que em apêndice de seu incomparavel valor, & heroicas proezas

*Escreve o Office*

AO MESMO SENHOR

LUIS ANTONIO CARDOZO DA GAMA.

*o Sr. Luiz Antonio Cardozo da Gama  
Capitão de Marinha*



LISBOA: OCCIDENTAL.

Na Officina de JOSEPH LOPES FERREIRA, Im.

preſſor da Sereníſſima Rainha noſſa Senhora.

M. DCC. XVII.

Com todas as licenças necessarias.



## I.



Antar de hum novo Lusitano Marte,  
 Mais do que o mesmo Marte valeroso,  
 Marte primeyro ainda, que Soldado,  
 O peyto invicto, o animo esforçado,  
 Meo plectro intéta em metro sonorofo.  
 Apollo, tu comigo hoje reparte,  
 Mais de valor, inda que menos de arte;  
 Pois es não menos forte, que eloquente;  
 Ou menos douto ainda, que valente,  
 Como, publicação, não; mas tristes choraõ  
 Esses, que o rayo indigno compuzeraõ  
 Nas cavernas do Ethna aonde moraõ,  
 Com que ao Deos, que dà vida, a morte déraõ.  
 Para penna me empresta aquella fetta,  
 Que a Serpente de hum golpe só jarreta:  
 Veja-se a Musa n'alguma tempo armada,  
 Em ves de penna menear a espada;  
 Accrescentandõ com valor constante  
 Ao louro de discreta o de triunfante.

II.

**E** Vós, ò alto Espirito Guerreyro,  
 Do Luzo Tronco rama florecente,  
 Que nas primicias da mais tenra idade  
 Dais assumpto immortal à eternidade:  
 Qual Hercules no berço já valente,  
 Primeyro, que Varaõ, aventureyro,  
 Chegais INFANTE ao termo derradeyro,  
 Onde os Bastões robustos de cançados,  
 Costumão no valor ser jubilados.  
 Ouvi; que se attenção dais a meo canto,  
 Eu prometto de ser tam celebrado,  
 Que cauzará no mundo igual espanto,  
 Ao que já vosso esforço tem cauzado.  
 Se aparar minha penna a vossa espada,  
 Outra não haverá mais bem cortada;  
 E se ampara a meo plectro o vosso escudo,  
 Iguais parellhas correrão em tudo,  
 (Se aspirar a impossiveis tantos posso)  
 A minha discrição, & o valor vosso.

## III.

**S** Eis vezes sobre dês tinha pizado,  
 De Capricornio frio ao Cancro ardente,  
 Febo luzido, em coche fulgurante  
 Essa celeste estrada de diamante,  
 Depois que em Carlo-Witz solemnemente  
 Tregoas o Agareno tem jurado,  
 Promettendo ter sempre afferrolhado  
 De Jano ambiguo o Templo, onde se encerra,  
 Fechado, a paz, & quando aberto, a guerra.  
 As Germanicas Aguias repouzavaõ,  
 Na suspenção da Guerra promettida;  
 Bem que de vigiar nunca deyxavaõ,  
 Por se temer da gente fementida:  
 Estão quietas as armas não deyxadas,  
 Que bem podem ter paz, & ser uzadas,  
 Porque foy sempre o ocio preguiçozo,  
 Mais do que a mesma guerra perigozo,  
 Sepultando o valor dos peytos fortes,  
 Que andaõ mais vivos, quando entre mais mortes.

## IV.

**M**As já da antiga paz enfastiado,  
 Com animo perjuro, & falso peyto,  
 Romper de novo a guerra meditava,  
 E bem que claramente o não mostrava,  
 Cada vez se fazia mais suspeyto,  
 (Que sempre o foy, quem foy mais disfarçado,  
 Que anda junto o traydor ao simulado)  
 Porém Carlos, que escuta estes rumores,  
 Prudente teme os animos traydores,  
 O conselho tomando do Romano,  
 Que o peor cuydar manda do inimigo,  
 Porque he depois tanto menor o dano,  
 Quanto antes se temeo mais o perigo.  
 Faz, que ao barbaro infido se insinue,  
 Que as pacteadas treguas continue,  
 E guarde o, a que deantes se obrigára  
 No tratado das pazes, que jurára;  
 Mas elle cauteloso respondia,  
 Que em guerra não cuydava, & paz queria.

## V.

**E** Ntre tanto com animo danado,  
 Levantar manda pelo vasto Imperio,  
 De Soldadesca hum numero infinito,  
 Desde a boca do Nilo cà do Egypto  
 Té là donde no incognito emisterio  
 Habita o Afiano retirado,  
 Entre agrestes montanhas sepultado,  
 Sem que baste o distante deffas ferras  
 A livrallo de vir a estranhas terras.  
 Tambem alli se vem teus moradores,  
 O' Região, que de Afro es nomeada,  
 De feyos rostros, de medonhas cores,  
 Concorrer para a guerra destinada,  
 Tantos, quantos não pode a mesma Terra  
 Brotar Gigantes, quando ao Ceo fez guerra  
 Nas de Phlegra vastissimas campanhas,  
 Guarneendo com montes as montanhas;  
 Pois se vio pelejar nesta envestida,  
 Sobre hum monte sem vida, outro com vida.

## VI.

**D**Os que bebem do Euphrates caudaloso,  
 Que das ferras de Armenia despenhado,  
 Prata arrojando envolta nas areas,  
 Mais, que de agua, de prata leva as veas;  
 Vem medonho esquadraõ, tam denodado,  
 Tam feróz, tam robusto, & numerofo,  
 Que mais que o mesmo rio impetuoso,  
 O rosto irado, o gesto embravecido,  
 Respeytado se faz, se faz temido.  
 Tu tambem, bravo Tygris, descendente  
 Das campinas do Medo a quem fecundas,  
 Hoje trocado já com nova enchente,  
 De armadas gentes a campanha inundas.  
 Nem fallo em ti, ò caudaloso Ganges,  
 Cujos braços, não de ondas, mas de alfanges  
 Hoje armados se vem com terror tanto,  
 Que sendo alegre já, pões hoje espanto,  
 Porque o Ouro que criaõ tuas barras,  
 Hoje mandas em ferreas cimitarras.



## VII.

**Q** Uaes no fundo da Sicula montanha,  
 De dia, & noute os golpes alternando,  
 Brontes forçoso, Esteropes robusto,  
 Aos preceytos de Mulciber adusto,  
 Sobre a dura bigorna estão malhando  
 O ferro, que a malicia dezentranha  
 Da terra, onde se esconde, onde se entranha,  
 Para fazer soberbamente guerra,  
 Co as entranhas da terra à mesma terra:  
 Taes os Nettos de Agar, a quem constrange  
 O brayo mando do cruel Mavorte,  
 Este do arado faz agudo alfange,  
 Do instrumento da vida, armas da morte.  
 Outro de tantas armas se guarnece,  
 Que homem não, monte de armas, só parece;  
 Este o peyto, o escudo aquelle prova,  
 Outro as armas intrepido reprova,  
 Pois com presumpção barbara avalia,  
 Que affronta as armas são da valentia.

## VIII.

**N**'Huma, n'outra, por esta, & toda a parte,  
 Onde o pregaõ da guerra foy lançado,  
 Hum forçado obedece, outro gostozo,  
 Este de altivo, aquelle de medrozo;  
 Por temer, & esperar alvoroçado,  
 De Marte os golpes, o favor de Marte.  
 Hum constrangido; o outro alegre parte.  
 Porque a ambos promette o pensamento,  
 A'quelle a morte, a estoutro o vencimento.  
 Huns aos filhos do Zephyro ligeyros,  
 Do Pay emulaçãõ, antes desprezo,  
 Briosos igualmente, que guerreyros,  
 Armados servem do mais nobre pezo.  
 Outros com gloria igual, iguaes assombros,  
 O pezo sentem nos cançados hombros,  
 Contentes, porque as armas que carregãõ,  
 Leves lhes faz a fama, a que se entregãõ,  
 N'hum polo, & n'outro, n'huma, & n'outra terra,  
 Ouve o Ceo; clama a Terra: guerra, guerra.

## IX.

**S** Oou da guerra o ecco pavorozo  
 Na Theutonica esfera dilatada,  
 A gente toda as armas incitando,  
 Que a paz tinha em socego doce, & brando,  
 Dos tumultos da guerra descuydada.  
 Ouvio com susto o Rheno caudalozo  
 Là no Rhetico monte penhascozo,  
 Tam alto que elle só fora bastante  
 A sustentar o Ceo melhor que Atlante;  
 Ouvio Danubio, & todo esmorecido,  
 Seo curso teve hum pouco reprezado,  
 E quizera voltar-se arrependido  
 A's montanhas de Abnobia, que ha deyxado,  
 Só não meteo pavor; não causou sustos  
 Nos corações Germanicos robustos,  
 Naquelles, que mostrarão antigamente,  
 Resistindo ao Romano mais valente  
 Que se do mundo todo já sugeyto  
 Roma cabeça he, Germania he peyto.

## X.

**N**Aõ com menos valor, do que presteza,  
 Para a guerra que esperão já visinha,  
 Huns as armas de novo fabricavaõ,  
 Outros as mais antigas renovavaõ,  
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha.  
 E porque o valor cresce co a destreza,  
 Os que acharse pertendem nesta empreza,  
 Em que todo seo bem, ou mal se encerra,  
 Exercitão na paz as leys da guerra.  
 Qual de hum Touro outro Touro provocado,  
 Antes que a pelejar guerreyro faya,  
 No campo razo, ou monte levantado,  
 Seos brios prova, seo valor ensaya:  
 Humas vezes ao tronco arremettendo,  
 Outras com furia ao monte acomettendo,  
 Tam pavorosamente alli berrando,  
 Que o fundo valle ao longe está soando,  
 Como se o tronco fosse, ou fosse o outeyro  
 Cada qual hum contrario verdadeyro.

## XI.

**M**As não só de Alemanha a forte gente  
 A' guerra vem, à morte se offerece,  
 A' morte que mais preza, que mais ama,  
 Quem quer menos à vida, do que à fama:  
 Muytos vem convidados do interesse  
 De ganhar pelas armas nobremente  
 O nome que não dá, que não consente  
 Lograr a branda paz na patria terra,  
 Donde, quem quer ter nome, se desterra.  
 Muytos de Italia vem, muytos de França,  
 Constrangidos de impulso soberano,  
 Com desejo implacavel da vingança  
 Que vem tomar do barbaro Ottomano:  
 Muytos de: Mas que estranha novidade,  
 Atégora não vista n'outra idade  
 De tantas, quantasha, que o mundo dura,  
 Nem verá tal vez nunca outra futura,  
 As atenções me leva, a penna obriga,  
 A que deyxando a terra, os mares figa!

## XII.

**V** Ejo do Tejo as Nynfas faudozas,  
 Pelas dezertas prayas lamentando,  
 Metendo compayxão, cauzando magoas,  
 Na terra aos montes, & no mar às agoas,  
 A's agoas, que apressadas vão levando,  
 Não como antigamente vagarozas,  
 A's Nynfas do Danubio venturozas,  
 Aquelle, que do Tejo era alegria,  
 Quando em seo crystal puro se revia.  
 Qual à sombra de hum Alemo frondozo  
 Prantèa a Filomela os seus filhinhos,  
 Que o Lavrador agreste, & rigorozo  
 Implumes derrubou dos brandos ninhos.  
 Ouvio Proteo das Nynfas o gemido,  
 E de as ouvir chorar enternecido,  
 Na bocca de huma lapa apparecendo,  
 Que não longe dalli se estava vendo,  
 Quando Neptuno as ondas amañava,  
 Deste modo fatidico fallava.

## XIII.

**E** Sfe; ò Nynfas, que as ondas retalhando,  
Do voffo Tejo as prayas defampara,  
Deyxando em voffos olhos tantos mares,  
Quantos fazem brotar voffos pezares:  
Naõ cuydeis, que he rigor da forte avara,  
Hirfe das voffas prayas alongando,  
Novas terras, por novo mar buscando.  
Vay-fe, fim; porém vay, porque vos ama,  
Comprar co feo perigo a voffa fama.  
Tempo ha de vir, ò Tagides fermofas,  
Em que sejais das Nynfas envejadas,  
Quando as fuas proezas valerosas  
Forem no mundo todo celebradas.  
Chorais por vos deyxar? que indigna queyxa!  
Quem vay por vos honrar, como vos deyxar?  
Toleray por hum pouco a crueldade,  
Com que afflige a quem ama a faudade,  
Que he penfaõ rigorozza da ventura,  
Não dar bem, fem disgosto de mistura.

## XIV.

**D**Eyxay, que novo lustre, novas glorias,  
 Luzimento mayor, mayor grandeza  
 Vay dar àquelle Princepe famozo,  
 Entaõ mais do que nunca gloriozo,  
 Quando a verfe chegar com tanta ALTEZA:  
 A'quelle em quem saõ tantas as victorias,  
 Que custará contallas às historias  
 Mais trabalho, mais tempo, mais espaço,  
 Do que custou ganhallas a seo braço:  
 A'quelle, cujo esforço, cuja fama,  
 Hum totalmente opprime, outra escurece,  
 Quantos por seo valor o mundo acclama,  
 Quantos por suas obras engrandece.  
 A'quelle, que a não ser quem he, pudera  
 Chegar sómente a tam sublime esfera.  
 EUGENIO hia a dizer, se o não turbàra  
 Hum vento, que no mar se levantàra,  
 E como a voz já mal se percebia,  
 Outra ves na caverna se escondia.



## XV.

**J**A neste tempo a gente apercebida,  
 Obedecendo do metal canoro  
 A' voz imperioza que os governa,  
 E do tambor à consonancia alterna,  
 Que com ruídozo som, pouco sonoro,  
 Quando ao combate os animos convida,  
 Alenta a huns, a outros intimída.  
 Começa a vir marchando a toda a preça,  
 E quando a marcha apenas se começa,  
 Já falta campo ao campo, & terra à terra,  
 Porque era a gente tanta que o pizava,  
 Tanta a que vem marchando em tom de guerra,  
 Que a gente tanta a terra não bastava,  
 Co pezo o mundo todo estremecia,  
 Porque com gente tanta não podia,  
 Pois era o pezo tal, & de tal modo,  
 Que peza a parte mais, que o mesmo todo.  
 O Ceo tremeo tambem porque assustado,  
 Teme hum Gigante em cada hum Soldado.

## XVI.

**C**Hega ao campo: mal disse, ao campo cobre  
 De Soldadesca hum numero infinito,  
 Quazi invencivel porque bem formado,  
 (Que se dobra o valor disciplinado).  
 Apparelhado já para o conflito  
 O Barbaro ao Catholico descobre,  
 Que em menos forças mais valor encobre;  
 Vemse as soberbas Luas Ottomanas  
 Frente a frente das Aguias Romanas,  
 Que por já muyto dantes costumadas.  
 A beber luzes de mayor Blancaeta,  
 As das Luas desprezaõ por minguadas.  
 Hum campo, & outro em suspensão quieta,  
 Do General as ordens ouve attento,  
 Que a este, àquelle, ao outro Regimento,  
 Para o tempo do choque estava dando,  
 E a gente a exhortar começa: quando  
 Deo final a trombeta do Ottomano,  
 Co. respondida do clarim Romano.

## XVII.

**A** Gente toda às armas se abalança,  
 Com que hum fere, este mata, aquelle morre  
 Com furia, com rigor, sem piedade  
 De estrago tanto, tanta mortandade:  
 De sangue hum mar pela campanha corre,  
 Este enveste, outro foge, aquelle o alcança,  
 Qual, junto escudo a escudo, & lança à lança,  
 Peyto a peyto, elmo a elmo, adarga a adarga;  
 Tantas feridas dà, quantas embarga.  
 Outro de braço a braço, espada à espada,  
 Valente atira, venturozo emprega  
 A ferida ao contrario fulminada,  
 A quem de hum golpe só a morte chega,  
 Outro de medo só, só do desmayo  
 Ao fuzilar do sanguinozo rayo,  
 Do golpe não, sómente do ameaço  
 Prostrado cahe com mortal traspaço,  
 Vindo a morrer covarde desta sorte,  
 Da morte não, do medo só da morte.

## XVIII.

**T**rovões de bronze os ares atóando,  
 Chovem rayos com furia sacodidos,  
 Mais, do que os verdadeyros, perigozos,  
 Quando aos riscos do monte penhascozos  
 Deyxão na tempestade mal feridos.  
 No Ceo, na terra o ecco retumbando,  
 Fas que a terra gemendo, & o Ceo clamando,  
 Infundão novo medo, novo espanto,  
 Pa mo nas forças, no valor quebranto.  
 Qual a hum bosque de lanças penetrando,  
 Fecha os olhos ao medo, os abre à fama,  
 Cyprestes ao contrario hindo cortando,  
 Cortando para si do louro a rama.  
 Qual com forças iguais, mas melhor sorte,  
 Tal vez de hum golpe dobrada morte  
 Nos contrarios causou com furia tanta,  
 Que além da morte o golpe se adianta,  
 Dandolhes com riscar na terra dura  
 Nos fobejos do golpe a sepultura.

## XIX.

**P** Or hum, por outro lado accometendo  
 As tropas Imperiaes às Sarracenas,  
 Sem ter amor ao sangue que derramão,  
 Porque a victoria mais, que ao sangue amão;  
 Os fios vaõ das vidas Agarenas  
 Cos fios das espadas destecendo,  
 Mortes dando, mas mortes recebendo,  
 Mortos à vida, vivos na lembrança,  
 ( Que melhor vida, quem bem morre, alcança. )  
 Mas oh da guerra forte duvidoza!  
 Oh da fortuna roda mal segura!  
 Rebatido da turba numeroza,  
 Cede o Romano, o Sarraceno atura,  
 Cede na forte, no valor não cede.  
 Mas agora, Senhor, agora pede,  
 Agora INFANTE soberano, agora,  
 Nos fios dessa Espada cortadora  
 A victoria confia, o louro espera,  
 Quem do proprio valor já desespera.

## XX.

**N** Esta consteinação, neste desmayo,  
 Se achava o campo, com razão medroso,  
 Porque a forte ao contrario se inclinàra,  
 O qual de vencedor já blazonàra,  
 A não ser outro Braço mais forçozo;  
 A não cahir sobre elle hum novo Rayo,  
 Que nesta guerra, por primeyro ensayo,  
 Tantas proezas faz, tantas façanhas,  
 Nelle naturaes sim, mas tam estranhas,  
 Que com accções tam grandes, tam famozas,  
 Ou faz as mentirozas verdadeyras,  
 Ou faz as verdadeyras mentirozas,  
 Porque as fazem ser nada estas primeyras;  
 Hum novo Rayo, Rayo outra vez digo,  
 Em luz a nós, em força ao inimigo,  
 Em quem teme a Campanha, admira a Cortê  
 Corpo de Adonis, alma de Mavorte,  
 Em quem vive bizarra a valentia,  
 Em quem vive valente a bizzarria.

## XXI.

**A** Quelle digo, INFANTE Soberano,  
 Que desde as prayas ultimas que banha  
 O Luso Hydaspes, o Ganges do Occidente,  
 Em quem cede das aguas o Tridente  
 O Principe da liquida campanha.  
 Aquelle, que do Solio Lusitano,  
 Senão era Senhor, vivia ufano,  
 De que chamar ao Solio se podia,  
 Porque mais em JOAM, que em si vivia;  
 Em JOAM, digo, Monarcha esclarecido  
 Vencedor sempre, sempre triunfante,  
 Que com laços de amor a elle unido,  
 Parece o Infante Rey, & o Rey Infante;  
 Aquelle, ou renascido, ou verdadeyro,  
 SEGUNDO PEDRO fim, mas sem primeyro,  
 Primeyro, de quem já não póde o mundo,  
 Ver nos vindouros seculos segundo;  
 Mas que digo, Senhor, se achar não posso  
 Epitheto mayor que o nome vosso!

## XXII.

**M**ANOEL diga huma vez, muytas repita,  
 Com voz sonora em levantado metro  
 A Musa, que em tal nome achar só póde  
 Daquella consonancia, com que acode  
 A Divindade excelsa de Libethro  
 A'quelles em quem mora, em quem habita,  
**M**ANOEL, diga, que eu fico que compita  
 Cos mais graves meo plectro em gravidade,  
 Se tomar deste nome a magestade.  
 Posto no campo a pé, na mão a espada,  
 Quantos dá golpes, mortes tantas conta,  
 Abrindo ao sangue porta, ao ferro entrada,  
 Sendo illustre deydouro, nobre affronta  
 Dos, que por serem do valor exemplo,  
 Conserva a Fama eternos no seo templo;  
 Aos quais quando mais vence, entãõ mais hõnra,  
 Qe he ser delle vencido a mayor honra,  
 Porque quando quem vence he tam subido,  
 Tambem he triunfar, ficar vencido.



## XXIII.

**D**A parte do Contrario altivo, & forte  
 Chovem miudas, apreçadas voão  
 Hervadas settas, ballas encendidas,  
 Que dando mortes, & roubando vidas,  
 Nos Ceos metem, nos campos amontoão,  
 Com lastima tam grande, como sorte,  
 Almas, & corpos dos que à mão da morte,  
 Com triunfo mayor, com môr victoria,  
 Trocaõ terra por Ceo, penas por Gloria.  
 Porém MANOEL tambem vay transformando  
 Em montanha a planicie, o campo em rio,  
 Humedecendo a hum, outra augmentando,  
 De corpos mortos, & com sangue frio.  
 Gemeo co pezo de Charonte a barca  
 No mar de que he Senhor, de que he Monarcha  
 Esse, que o Sceptro tem da Corte Averno,  
 Onde o trifauce Caõ com vóz eterna,  
 A noyte sempiterna, a eterna sombra,  
 Medonho assusta, pavoroso assombra.

## XXIV.

**N**Aõ faz no ar, não faz na terra tanto,  
 O Rayo damno, estrago o Terremoto,  
 Hum com estrondo a nuvem dividindo,  
 Outro medonhamente a terra abrindo,  
 Desde a face primeyra ao centro immoto:  
 Quanto ao Turco, MANOEL causa quebranto,  
 Cauza nos nossos pasmo, cauza espanto.  
 Quanta idade lhe falta, esforço sobra,  
 Com que proezas taes, tamanhas obra,  
 Que o tempo anticipando, ou transcendendo,  
 Faz da idade primeyra a idade mea,  
 Pois se està nelle a puericia vendo,  
 De forças falta, de façanhas chea.  
 Desmaya no contrario a confiança,  
 E o dezejo implacavel da vingança  
 Comuta em vergonhosa retirada,  
 Obrigado dos golpes desta Espada,  
 Que com affronta sua, & nossa gloria,  
 Lavra o sepulchro a elle, a nós victoria.

## XXV.

**A** Bri, Senhor, abri com essa Espada,  
 Caminho a Vossa gloria, & passo á fama,  
 Que occupada com vosco ufana voa  
 A' parte Occidental da parte Eoa,  
 Desde o berço do Sol, do Sol à cama.  
 Veja-se às Vossas plantas derrubada  
 A cerviz nunca dantes humilhada,  
 O collo nunca dantes subjugado,  
 E só de Vós agora conculcado:  
 Hoje sem luz, & em sangue convertida,  
 Pizay, Senhor, de Mafamede a Lua,  
 Bem que fica mais clara, mais luzida  
 A Vossos pés, que na cabeça sua.  
 Fazey, que deva o mundo à Lusitania  
 O destroço total da Mauritania;  
 Fazey, que o mundo deva a Vosso Braço  
 Tirar de hum orbe, & de outro este embaraço,  
 Que guerra faz ao Ceo, & ao mundo guerra:  
 Ao mundo no que pode, ao Ceo no que erra.

## XXVI.

**R** Ompey, cortay, vencey, ò Luso INFANTE,  
 Vidas, louros, batalhas nesta hora,  
 Cauzando enveja nobre à mesma forte,  
 Medo ao Deos Marte, medo à mesma morte.  
 Agora, ò Luso invicto, agora, agora,  
 Do valor desse peyto de diamante,  
 Pigmeo na idade, no valor gigante,  
 Pende a esperança toda da victoria,  
 Que desdouro ha de fer, ha de ser gloria,  
 A Carlos, gloria, gloria ao Luso povo;  
 Desdouro do Agareno, a quem se doma  
 Da Vossa dextra o golpe; hoje de novo  
 A' Vossa fama cederá Mafoma,  
 Como já noutras vezes tem cedido,  
 Quando dos Portuguezes foy vencido.  
 Mostray, Senhor, ao Barbaro Ottomano,  
 Que corta ainda o ferro Luítano,  
 Que inda he tam valerosa a gente Lusa,  
 Como o foy nas Campanhas de Ampelusa.

## XXVII.

**E**M cada hum contrario, que prostrando  
 Vay dessa Espada o golpe temerozo,  
 Pelas razas campinas de Belgrado,  
 Deyxais a Vosso Nome levantado  
 Hum padraõ mais illustre, mais honrozo  
 De quantos n'outro tempo levantando  
 Vossos Antigos foraõ; conquistando  
 N'hum Orbe, & n'outro, n'hum, n'outro Emysferio,  
 Igual ao mundo todo, o Luso Imperio.  
 Feri, Senhor, ferí, que em cada corte,  
 Cortay, cortay, porque em qualquer ferida,  
 Em que o Turco soberbo encontra a morte,  
 O Nome Portuguez encontra a vida.  
 Adquiri valeroso outras de novo,  
 Sobre as glorias que logra o Vosso Povo,  
 Imitadas não só, mas excedidas  
 As façanhas deyxando esclarecidas,  
 Que o Lusitano esforço antigamente  
 Tam venturoso obrou, como valente.

## XXVIII.

**M**As não: paray, Senhor, que se adiante  
 Profeguis em levar tanta victoria,  
 Dando à perfidia barbara castigo,  
 Não vanceis, VOS, mas vence o Inimigo,  
 Que quantas forças perde adquire gloria,  
 De se ver só por Vós n'hum mesmo instante,  
 Quanto opprimido mais, mais triunfante.  
 Não pizeis, não, Senhor, o collo altivo,  
 Que se acazo se vir Vosso cativo,  
 Temo muyto que o mesmo lhe succeda,  
 Que ao que foy do Thebano digna empreza,  
 Tendo esforço mayor na mayor queda,  
 Sabendo tirar forças da fraqueza.  
 Se abatello quereis deyxayo agora,  
 Que será Graó Senhor, se vos adora.  
 Não permittais se prostre a Vossas plantas,  
 Porque digno não he de alturas tantas:  
 Tam grande fois, que fó de Vós se conta,  
 Que honra dais, co que outros daó affronta.

## XXIX.

**M** As se lourôs pizais, se palmas tantas,  
 Naõ he muyto se veja assim luzido,  
 Quem pode a Vossas plantas ser prostrado:  
 Naõ he muyto se veja coroado,  
 Quem pode a Vossos pés ser abatido,  
 Se louro, & palmas acha a Vossas plantas.  
 Que inchadas vejo as tumidas gargantas  
 Da Hydra, Herculea naõ, mas Ottomana,  
 Que talhada da Espada Lusitana,  
 De ferro mais valente jarretada,  
 Do que a outra por Hercules vencida,  
 Logra hum brazaõ em cada cutilada,  
 Muytas glorias lhe dá cada ferida!  
 Cedaõ pois, Senhor, hoje a Vossa gloria,  
 A triunfo tam grande, a tal victoria,  
 Quantos do Monstro alado mais que o vento,  
 Acclamãõ linguas cem por boccas cento:  
 Achilles destemido, Heytor valente,  
 E o Mancebo de Pella armipotente.

## XXX.

**D**E Amilcar ceda o filho valerozo,  
 Que do Romano foy duro flagello,  
 Que, bem que em Trafiméno, bem que em Canas  
 Mostrou valente forças mais que humanas,  
 Não póde ser das Vossas parallelo:  
 Ceda o naõ menos forte, que ardilozo  
 Matador do Gigante monstroozo  
 A' dextra Vossa, que hoje mais possante,  
 Monstro vence mayor, mayor Gigante.  
 Ceda aquelle que em corpo tresdobrado,  
 Por unico em façanhas foy temido,  
 A VOS, que n'hum só corpo, & delicado,  
 Mais que hum só peyto tendes incluído:  
 Ceda Perseo tambem, ceda Jugurtha,  
 Que a Vosso augusto nome a gloria furta,  
 Quem quer junto de VOS inda ter nome:  
 Hoje, Senhor, a Vossa fama some,  
 Dos Cesares, dos Marios, dos Pompeos,  
 Os triunfos, as glorias, os trofeos.



## XXXI.

**C**Esse tudo, o que a Musa antiga canta,  
 Cesse quanto a moderna Historia conta,  
 Pois quanto a Musa canta, & conta a Historia,  
 Aos ouvidos aquella, esta à memoria,  
 Junto a valor tam grande nada monta,  
 Que este valor mais alto se levanta.  
 Senhor, se Homero vira empreza tanta,  
 E o Patavino, pasmo do Univerſo,  
 Nem este em proza, nem aquelle em verso,  
 De Ulyſſes as façauhas nos contára,  
 Do Romano as victorias escrevera;  
 Porque hum com vosco só ſeo plectro honrára,  
 Outro com vosco a penna enobrecera.  
 Se Martè já de VOS tivera ouvido,  
 Quando por Deos da guerra era escolhido,  
 A' viſta de tamanha valentia,  
 Da guerra a prezidencia deyxaria;  
 E ficaria o cargo mais ufano,  
 Se Marte fora o MARTE LUSITANO.

LXXX

**C**Anção, não mais agora: que algum dia,  
 ( Se o louro Deos por scos nos reconhece,)

Com vea mais feliz, mais harmonia,  
 Novo Canto meo plectro lhe offerece.

E se for como o Assumpto o Canto grave,  
 Farey por magestozo, & por suave,  
 Callar com palmo, por ouvir com gosto,  
 Aos que tem do Parnasso o mayor posto,  
 E ( se possivel he) farey se veja,  
 Que o mesmo Apollo escuta com enveja.

F I M.





# L I C E N Ç A S

## Do Santo Officio.

**V**istas as informações póde-se imprimir o papel intitulado *Marte Lusitano*, & impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa Occidental 30. de Julho de 1717.

*Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Lancaestre. Guerreyro.*

## Do Ordinario.

**P**ode-se imprimir o papel, de que se trata, vistas as informações, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 31. de Julho de 1717.

*Cardozo.*

## Do Paço.

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso torne à Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa Occidental 22. de Outubro de 1717.

D.P. Costa. Botelho. Pereyra. Oliveyra. Noronha.



# LICENÇAS

Do Santo Officio.

Vistas as informações que se imprimir o papel de  
tulado *Maria Antônia* & impresso tornará para  
se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não cor-  
ra. Lisboa Occidental, 17 de Julho de 1717.

Monteiro Ribeiro. Escrivão. Fr. Lourenço. Guardador.

## Do Ordinario.

Onde se imprimir o papel de que se trata, vistas as  
informações, & depois de impresso tornará para se  
conferir, & dar licença que corra, sem a qual não corre-  
ra. Lisboa Occidental, 1. de Julho de 1717.

Cardeiro

## Do Pazo.

Ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo  
Officio, & Ordinario, & depois de impresso tor-  
ne a Mela para se conferir, & taxar, & sem isso não corre-  
ra. Lisboa Occidental, 2. de Outubro de 1717.

D. P. Costa. D. P. Costa. D. P. Costa. D. P. Costa. D. P. Costa.